

### **III PARTE – ANÁLISE DE RESULTADOS**

Passaremos à apresentação, análise e discussão dos resultados obtidos, com o objectivo de clarificar o seu significado.

Pretende-se avaliar as diferenças entre os idosos residentes no domicílio (grupo doravante designado por DOM) e os idosos residentes em instituições (grupo doravante designado por INST), pelo que os dados serão apresentados em função destes dois grupos com excepção para as questões específicas de cada grupo que serão apresentadas em função dos sexos.

Começaremos a nossa análise pela caracterização sócio demográfica da amostra.

#### **1. FACTORES SÓCIO-DEMOGRÁFICOS**

##### **1.1. Idade e Sexo**

O Quadro 7 contém a caracterização da nossa amostra, constituída por 238 idosos. Destes 127 residem no seu domicílio (DOM) e os restantes 111 encontram-se institucionalizados (INST).

Dos 238 idosos inquiridos 67,6% são do sexo feminino, contra apenas 32,4% do sexo masculino. Se analisarmos o predomínio por género em cada um dos subgrupos verificamos que o sexo feminino é maioritário, acentuando-se significativamente a diferença no grupo INST, o que vai de encontro à relação de masculinidade existente na população geral, ultrapassando-a.

A média de idades dos idosos da amostra é de 78,34, tendo o indivíduo mais jovem 65 anos e o mais velho 102 anos.

Considerando os subgrupos verifica-se que, para esta variável, no grupo DOM a média de idades é de 73,73 (mínimo 65 e máximo 89), e no grupo INST de 83,61 (mínimo 65 e máximo 102), mais elevado como seria de esperar, pois o aumento de idade leva a situações de maior dependência para as actividades de vida diária e logo a uma institucionalização mais frequente.

Se analisarmos a amostra, dividindo os idosos nos dois grupos descritos anteriormente como 3ª e 4ª idade, verificamos que, no total da amostra 73,9% dos idosos pertencem à 3ª idade e apenas 26,1% à quarta idade. Ao analisarmos estes grupos por local de residência verificamos que a grande maioria (94,5%) dos idosos residentes no domicílio pertencem à

terceira idade enquanto que no grupo INST as percentagens relativas são mais próximas com 50,5% dos idosos na 3ª idade e 49,5% na 4ª idade.

### **1.2. Estado civil**

Os resultados relativos ao estado civil permitem-nos verificar que, o estado de viuvez é o mais marcante da nossa amostra, com um total de 124 viúvos, correspondente a 52,1%, seguindo-se o de casado com 75 indivíduos, equivalente a 31,5%, e em terceiro lugar estão os solteiros, 31 indivíduos com 13,0% de representatividade. Em últimos lugares temos 6 divorciados (2,5% da amostra) e duas uniões de facto (0,8% da amostra).

Tendo em conta os valores reduzidos nas amostras de Divorciados e de Uniões de facto, optámos por facilitar a análise estatística por dividir o Estado Civil em Solteiros, Casados e Viúvos. Desta forma mantemos o mesmo número de solteiros, o número de casados passará a ter os indivíduos casados e os em união de facto, e o número de viúvos passará a incluir os indivíduos viúvos e divorciados, pois em ambos os casos há uma perda do cônjuge.

Analisando agora o estado civil por grupos, encontramos algumas diferenças: assim a maioria dos idosos do grupo DOM são casados (50,4 %) e viúvos (41,7%), sendo o número de solteiros reduzido (7,9%). Por sua vez, no grupo INST a maioria dos indivíduos são viúvos (69,4%), seguidos dos solteiros com 18,9% da amostra e dos casados com 11,7% de representatividade.

Ao observarmos o estado civil em função dos sexos verificamos uma predominância de homens casados (53,2% contra 22,4% de mulheres casadas), e uma predominância de mulheres viúvas (65,2% contra 32,5% de homens viúvos). Tal como referimos anteriormente, também estes resultados estão em concordância com as características nacionais divulgadas.

### **1.3. Escolaridade**

O baixo nível de escolaridade dos elementos da nossa amostra embora seja notório, ainda assim inclui elementos com níveis de escolaridade superiores. Assim, o item com maior destaque é sem dúvida o que corresponde aos analfabetos (31,5%), seguindo-se o “1º Ciclo” com 28,2% e, com um valor muito próximo deste o “Sabe Ler e Escrever” com 24,4% de representatividade. Encontramos ainda nos nossos idosos, e por ordem

decrecente, 5,0% com o 2º Ciclo, 4,6% com o Ensino Secundário, 3,8% com o 3º Ciclo e 2,5% com Ensino Superior.

Mais uma vez, por razões estatísticas, vimo-nos obrigados a dividir esta variável em três grandes grupos: Analfabeto (inclui os analfabetos), Escolaridade Obrigatória (inclui os que sabem ler e escrever e os que possuem o 1º Ciclo) e Escolaridade Superior (inclui todos os restantes). Sendo assim, a maioria dos nossos idosos possui a escolaridade obrigatória (52,5%), seguindo-se dos analfabetos (31,5%) e dos com escolaridade superior (16,0%).

Em termos de habilitações académicas verificamos diferenças entre os dois grupos em estudo. Assim, embora o número de idosos com a escolaridade obrigatória seja similar em ambos os grupos (53,5% dos idosos do grupo DOM versus 51,4 dos idosos do grupo INST) é nos números de analfabetismo e de escolaridade superior que verificamos as maiores diferenças. Sendo assim, nos idosos pertencentes ao grupo DOM 40,2% são analfabetos e 6,3% possuem escolaridade superior, enquanto que no grupo INST apenas 21,6% são analfabetos e 27% possuem escolaridade superior, sendo estes os segundos mais representativos.

Também se analisarmos as diferenças de escolaridade em relação ao sexo dos indivíduos verificamos diferenças a registar. Mais uma vez, reparamos que em termos de escolaridade obrigatória, homens e mulheres têm valores similares (57,1% dos homens versus 50,3% de mulheres), embora inferiores nas mulheres, como seria de esperar. É nos valores de analfabetismo e de escolaridade superior que se notam as maiores diferenças, nomeadamente um valor superior de mulheres analfabetas em relação aos homens (36,6% de mulheres contra 20,8% de homens) e, um valor mais representativo de homens com escolaridade superior em relação às mulheres (22,1% de homens contra 13,0% de mulheres). Considera-se que factores socioculturais estarão na origem destas diferenças, uma vez que nas famílias portuguesas muitas vezes as meninas eram preteridas para prosseguimento de estudos em favor aos irmãos de sexo masculino e para poderem apoiar as mães, trabalhadoras, nas tarefas domésticas.

#### **1.4. Situação económica**

Os dados sobre a situação económica mostram-nos valores equilibrados. Assim, verificamos que 35,7% dos idosos da nossa amostra auferem de um rendimento mensal que se situa entre os 200 e os 350 €, seguindo-se os restantes grupos com valores similares,

nomeadamente 16,4% que recebem menos de 200€, 15,5% que recebem entre 350€ e 500€ e 13,0% que recebem 500€. Dos idosos inquiridos 19,3% não sabia precisar o valor da sua amostra. Em estudo realizado por Martins (2004b) verificamos que o valor com maior prevalência é o que se situa entre os 200 e os 350€, atingindo 71,5% da amostra pelo que, para análise estatística, considerámos pertinente juntar o número de idosos que não sabe o valor da sua reforma a grupo supracitado passando este a incluir 55% da amostra.

Analisando os rendimentos por grupos confirmamos o observado no nível de escolaridade. Ou seja, não se notam diferenças significativas no grupo de idosos que auferem entre 200 e 350€ (51,2% no grupo Dom contra 59,5% no grupo INST), a diferença acentua-se no grupo que auferem entre 350 e 500€, onde o grupo DOM tem uma maior prevalência (19,7% no grupo DOM, contra 10,8% no grupo INST), sendo as diferenças mais significativas nos grupos dos extremos. Assim, a percentagem de idosos com rendimentos inferiores a 200€ é superior no grupo DOM (22,8% no grupo DOM contra 9,0% no grupo INST) e a percentagem de idosos com rendimentos superiores a 500€ é superior no grupo INST (20,7% no grupo INST contra 6,3% no grupo DOM), atestando mais uma vez que a uma maior escolaridade corresponde um maior rendimento.

Se realizarmos a análise da situação económica por sexo, voltamos a verificar a tendência observada na escolaridade com o grupo masculino a destacar-se nos rendimentos mais elevados. Clarificando, nos rendimentos abaixo dos 200€ não há uma diferença significativa entre homens e mulheres (16,9% dos homens contra 16,1 das mulheres). Os idosos com rendimentos entre os 200 e os 350€ são na sua maioria mulheres (64,6% de mulheres contra 35,1% de homens). Por fim, nos rendimentos entre 350 e 500€ e superiores a 500€ verificamos uma clara prevalência de homens (27,3% de homens contra 9,9% de mulheres no primeiro caso e 20,8% de homens contra 9,3% de mulheres no segundo caso).

### **1.5. Tipo de reforma**

Considerando que para a maioria de idosos os rendimentos económicos provêm de pensões de reforma, quisemos conhecer o tipo de pensão auferida. Assim constatamos que, na amostra total, a maioria dos idosos auferem uma reforma por limite de idade (52,5%), seguindo-se a Pensão por Invalidez (20,2%), a Pensão Social (17,2%) e por último a Pensão por Cônjuge (10,1%).

Numa análise mais pormenorizada, por grupos, mantém-se a maioria dos idosos a receber a reforma por limite de idade (55,9% no grupo DOM e 48,6% no grupo INST), notando-se diferenças mais significativas nos restantes itens. Assim, no grupo DOM, o segundo item mais significativo é o dos idosos que recebem a Pensão por Invalidez (22,8%), seguindo-se os idosos com Pensão Social (15,7%) e, por último, os idosos com Pensão por Cônjuge (apenas 5,5%). Já no grupo INST, os itens têm valores similares, ou seja, 18,9% dos idosos recebem Pensão Social, 17,1% Pensão por Invalidez e 15,3% Pensão do Cônjuge.

Ao realizarmos a análise do tipo de reforma por sexo, mantém-se a grande maioria dos indivíduos a receber a reforma por limite de idade (57,1% dos homens contra 53,3% das mulheres), mas as diferenças nos restantes grupos são ainda mais notórias. Desta forma verificamos que o segundo item com mais frequência no grupo feminino é o das idosas que recebem Pensão Social (19,9%), provavelmente por não terem realizado descontos enquanto trabalhadoras domésticas. As restantes idosas distribuem-se pelos itens de Pensão por Invalidez (15,5%) e Pensão do Cônjuge (14,3%). Já no grupo do sexo masculino verificamos que a Pensão por Invalidez é o segundo item mais significativo, atingindo quase os 30% (29,9%), seguindo-se a Pensão Social (11,7%) e apenas um idoso a receber a Pensão por Cônjuge (1,3%).

Ao cruzarmos os grupos DOM e INST com a variável sexo, e analisando o tipo de reforma obtivemos uma visão mais clara dos motivos desta diferença. Eliminando a análise pormenorizada das reformas por limite de idade, que são uma maioria em todos os grupos, verificamos que, o segundo maior grupo de homens quer institucionalizados, quer no domicílio, é o dos que auferem pensões de invalidez (33,3% no grupo INST e 28,0% no grupo DOM). Ao passo que os segundo e terceiro maiores grupos de mulheres institucionalizadas são as que auferem Pensão Social e Pensão do Cônjuge (23,8% e 20,2% respectivamente), e de mulheres a residir no domicílio são as que auferem Pensão por Invalidez e Pensão Social (19,5% e 15,6% respectivamente).

### **1.6. Satisfação com o valor da reforma**

A maioria dos idosos inquiridos (57,6%) não está satisfeita com o valor da sua reforma, seguindo-se os que estão satisfeitos (23,1%) e por último os conformados (19,3%).

Ao analisarmos esta variável por local de residência, verificamos que a insatisfação prevalece no grupo DOM (66,9%), sendo neste grupo o valor dos conformados reduzido (8,7%), ao passo que os satisfeitos têm uma percentagem de 24,4%. No grupo INST os valores estão mais distribuídos, apesar de se manter um elevado número de idosos insatisfeitos com o valor da sua reforma (46,8%), os idosos conformados são mais frequentes (31,5%), sendo o número de idosos satisfeitos com o valor da reforma similar ao do grupo DOM (21,6%).

Avaliando esta opinião em função do género, não se verificam diferenças significativas associadas ao género.

**Quadro 7**

*Características Gerais da Amostra*

CARACTERÍSTICAS	RESIDÊNCIA		DOMICÍLIO		INSTITUIÇÃO		AMOSTRA TOTAL	
	N	%	N	%	N	%	N	%
<b>SEXO</b>								
Masculino	50	39,4	27	24,3	77	32,4		
Feminino	77	60,6	84	75,7	161	67,6		
<b>IDADE</b>								
3ª Idade	120	94,5	56	50,5	176	73,9		
4ª Idade	7	5,5	55	49,5	62	26,1		
<b>ESTADO CIVIL</b>								
Casado	64	50,4	13	11,7	77	32,4		
Solteiro	10	7,9	21	18,9	31	13,0		
Viúvo	53	41,7	77	69,4	130	54,6		
<b>ESCOLARIDADE</b>								
Analfabeto	51	40,2	24	21,6	75	31,5		
Escolaridade Obrigatória	68	53,5	57	51,4	125	52,5		
Escolaridade Superior	8	6,3	30	27,0	38	16,0		
<b>SITUAÇÃO ECONÓMICA</b>								
< 200€	29	22,8	10	9,0	39	16,4		
De 200 a 350€	65	51,2	66	59,5	131	55,0		
De 350 a 500€	25	19,7	12	10,8	37	15,5		
> 500 €	8	6,3	23	20,7	31	13,0		
<b>TIPO DE REFORMA</b>								
Limite de idade	71	55,9	54	48,6	125	52,5		
Pensão Social	20	15,7	21	18,9	41	17,2		
Pensão de Cônjuge	7	5,5	17	15,3	24	10,1		
Invalidez	29	22,8	19	17,1	48	20,2		
<b>SATISFAÇÃO C/ REFORMA</b>								
Sim	31	24,4	24	21,6	55	23,1		
Conformado	11	8,7	35	31,5	46	19,3		
Não	85	66,9	52	46,8	137	57,6		
<b>TOTAL</b>	<b>127</b>	<b>100,0</b>	<b>111</b>	<b>100,0</b>	<b>238</b>	<b>100,0</b>		

## 2. FACTORES SITUACIONAIS

### 2.1. Factores Situacionais do Grupo Residente no Domicílio

Passaremos agora a caracterizar os idosos que residem no seu domicílio ou no de familiares (Quadro 8 – Características Habitacionais do Grupo DOM). A caracterização tem por base informações relativas às condições habitacionais, às pessoas com quem convivem, número de filhos, local de residência dos mesmos, número de visitas, etc.

#### 2.1.1. Características Habitacionais

Considerámos importante conhecer as condições em que os idosos vivem pois estas influenciam directa ou indirectamente o bem-estar percebido pelo idoso (cf. Quadro 8). Assim verificámos, que a maioria dos nossos idosos reside em casa própria (78,0%), seguindo-se aqueles que vivem em casa cedida (14,2%) na maioria por familiares e, por último, os que habitam casa alugada (7,9%).

Constatámos também que, tanto os homens como as mulheres têm uma frequência semelhante no item Casa Própria (78,0% e 77,9% respectivamente), verificando-se as maiores diferenças nos dois itens seguintes. Assim, o número de idosos do sexo masculino que habita casa alugada ou cedida é reduzido (12,0% e 10,0% respectivamente), ao passo que nos idosos do sexo feminino, 16,9% habitam casa cedida e apenas 5,2% habitam casa alugada. Ao cruzarmos os dados com a variável Estado Civil, verificamos que das 13 idosas que habitam casa cedida, 12 são viúvas, e que dos 5 idosos que habitam casa cedida, 3 são viúvos.

O tipo de habitação mais frequente é, sem dúvida, a moradia (92,1%), representando o andar e o quarto individual apenas 5,5% e 2,4% respectivamente. Para facilitar a análise estatística, resolvemos unir os dois itens, Andar e Quarto. Sendo assim, no item andar passamos a ter 7,9% dos idosos.

Na sequência destes resultados e considerando a importância da mobilidade para a qualidade de vida dos idosos, verificámos que 59,1% dos inquiridos habita em casas com escadaria, tendo a grande maioria saneamento básico (92,1% dos casos).



**Quadro 8***Características Habitacionais do Grupo DOM*

SEXO \ CARACTERÍSTICAS	MASCULINO		FEMININO		AMOSTRA TOTAL	
	N	%	N	%	N	%
<b>HABITAÇÃO</b>						
Própria	39	78,0	60	77,9	99	78,0
Alugada	6	12,0	4	5,2	10	7,9
Cedida	5	10,0	13	16,9	18	14,2
<b>TIPO</b>						
Moradia	42	84,0	75	97,4	117	92,1
Andar	8	16,0	2	2,6	10	7,9
<b>ESCADAS</b>						
Sim	34	68,0	41	53,2	75	59,1
Não	16	32,0	36	46,8	52	40,9
<b>SANEAMENTO</b>						
Sim	47	94,0	70	90,9	117	92,1
Não	3	6,0	7	9,1	10	7,9
<b>TOTAL</b>	<b>50</b>	<b>100,0</b>	<b>77</b>	<b>100,0</b>	<b>127</b>	<b>100,0</b>

*2.1.2. Características do Agregado Familiar*

Analisando as respostas dadas (cf. Quadro 9) à questão *com quem vive habitualmente* podemos verificar: que o maior número de respostas se reporta à alternativa ‘cônjuge’ em 53,5% dos idosos, seguindo-se o item ‘sozinho’ em 27,6% e 18,9% reside com ‘outros familiares ou amigos’.

Avaliando esta distribuição por sexo verificamos que não existem diferenças acentuadas nos idosos que vivem com o cônjuge (51,5% de homens e 48,5% de mulheres), talvez porque na recolha da amostra muitas vezes se entrevistava o casal. É nas outras alternativas que se notam as maiores diferenças com uma incidência significativa do sexo

feminino. Assim, na nossa amostra, dos idosos que vivem sós, 68,6% são mulheres e dos idosos que vivem com outros familiares ou amigos, 83,3% são mulheres.

As alternativas possíveis para o número de filhos dos nossos inquiridos, encontram-se expressas no Quadro 9: assim constatamos que a maioria (59,1%) dos idosos tem entre 1 a 3 filhos, a seguir a alternativa 4 a 6 é a mais apontada por 23,6% e 11,0 % refere não os ter. Encontramos porém um grupo significativo (6,3%) de idosos com famílias numerosas de 7 e mais filhos.

Considerando que o apoio que os filhos podem dar aos progenitores depende mais da proximidade da residência do que do seu número, quisemos saber ainda o local de residência dos mesmos. Constatamos que, dos idosos com filhos, 55,8% dos questionados têm os filhos a residir na mesma localidade, 17,7% no mesmo distrito e 18,6% no mesmo país. Como prevíamos e em consequência dos fortes fluxos migratórios verificados em décadas anteriores 8,0% dos idosos têm filhos a residir no estrangeiro, sendo na sua maioria idosas (11,4% de mulheres contra 2,3% de homens).

**Quadro 9***Características do Agregado Familiar*

SEXO CARACTERÍSTICAS	MASCULINO		FEMININO		AMOSTRA TOTAL	
	N	%	N	%	N	%
<b>VIVE HABITUALMENTE</b>						
Cônjuge	35	70,0	33	42,9	68	53,5
Outra Fam./Amig.	4	8,0	20	26,0	24	18,9
Sozinho(a)	11	22,0	24	31,2	35	27,6
<b>N.º DE FILHOS</b>						
Sem filhos	7	14,0	7	9,1	14	11,0
1 a 3	30	60,0	45	58,4	75	59,1
4 a 6	9	18,0	21	27,3	30	23,6
≥7	4	8,0	4	5,2	8	6,3
<b>RESIDÊNCIA DOS FILHOS</b>						
Sem filhos	7	14,0	7	9,1	14	11,0
Mesma localidade	26	52,0	37	48,1	63	49,6
Mesmo distrito	8	16,0	12	15,6	20	15,7
Mesmo país	8	16,0	13	16,9	21	16,5
Estrangeiro	1	2,0	8	10,4	9	7,1
<b>TOTAL</b>	<b>50</b>	<b>100,0</b>	<b>77</b>	<b>100,0</b>	<b>127</b>	<b>100,0</b>

*2.1.3. Se Vive Só Quem o Costuma Visitar?*

Esta questão foi dirigida apenas aos idosos que vivem sós por nos parecer um aspecto relevante somente nestes casos. Assim confrontados com a questão “*quem o costuma visitar habitualmente?*” a maioria (62,9%) afirma que são os familiares quem os visitam, 20,0% afirmam que são outras pessoas sem laços familiares, como amigos, vizinhos e Auxiliares de Apoio ao Domicílio e 17,1% refere que não recebe visitas (cf. Quadro 10).

**Quadro 10***Respostas do Grupo DOM à Questão “Se Vive Só, Quem o Visita?”*

RESPOSTAS	N	%
Familiares	22	62,9
Ninguém	6	17,1
Outros	7	20,0
<b>TOTAL</b>	<b>35</b>	<b>100,0</b>

**2.2. Factores Situacionais do Grupo Institucionalizado**

Passaremos agora a caracterizar o grupo de idosos que vive em instituições, conhecendo os motivos, a iniciativa e o tempo de internamento; locais de residência preferidos, percepção das relações que desenvolvem dentro do lar, opinião sobre a privacidade e alimentação e ainda conhecer os aspectos que mais lhes desagradam na instituição.

*2.2.1. Motivo, Iniciativa e Tempo de Internamento*

Considerando que as famílias ainda recorrem à institucionalização como último recurso, quando os idosos perdem a sua autonomia e necessitam de apoios que a família já não consegue providenciar, achámos relevante conhecer os motivos que conduziram ao internamento (cf. Quadro 11). Assim, pudemos verificar que 34,2% dos idosos inquiridos atribui o internamento à falta de apoio familiar, sendo este valor mais significativo no sexo masculino (44,4% de homens contra 31,0% de mulheres), 24,3% refere a dificuldade em cuidar de si, prevalecendo esta razão no sexo feminino (27,4% de mulheres contra 14,8% de homens), 22,5% afirma a sua preferência de viver em lar, apesar de ter família. A dificuldade de acesso aos serviços de saúde e a falta de recursos, quer económicos quer em termos de condições de habitabilidade, motivou o internamento de 12,6% e 6,3% dos inquiridos respectivamente.

Depois de conhecidos os motivos que levaram os idosos ao internamento quisemos também conhecer de onde partiu a iniciativa: ficámos a saber que esta aconteceu por iniciativa própria em 67,6% dos casos, 27,0% foi trazido por familiares e 5,4% por intervenção de outros (amigos ou técnicos de serviço social). De salientar a discrepância

entre o sexo feminino e masculino neste parâmetro. Assim, embora para ambos os sexos a iniciativa do internamento seja própria (69,0% nas mulheres e 63,0 nos homens), nas mulheres, o segundo item mais significativo é a família (29,8%), enquanto que nos homens os dois itens, família e outros, têm a mesma relevância (18,5%).

Quanto ao tempo de internamento, pudemos constatar que este oscilava entre o período mínimo de um ano até ao período máximo de 35 anos, sendo a média 6,15 anos. Tendo em conta o número de idosos da amostra e por razões estatísticas, considerámos relevante dividir o total das respostas por grupos, nomeadamente 1 a 5 anos, 6 a 10 anos, 11 a 15 anos e mais de 15 anos de internamento. Pudemos depois verificar que mais de metade dos idosos (62,2%) tem internamentos iguais ou inferiores a 5 anos, e só 7,2% dos elementos da amostra, têm um período de residência em lar superior a quinze anos.

O tempo de internamento entre homens e mulheres mostra diferenças que consideramos importantes descrever. Assim, em ambos os sexos os períodos de tempo de internamento entre 1 e 5 anos são os mais comuns, sendo mais elevados nos homens (70,4%) do que nas mulheres (59,5%). Pudemos verificar que a partir daqui a percentagem de idosos em cada um dos grupos vai diminuindo gradualmente (20,2% no grupo dos 6 aos 10 anos, 10,7% no grupo dos 11 aos 15 anos e 9,5% no grupo com mais de 15 anos de internamento), o mesmo não se verificando nos homens. Nos idosos apenas 7,4% se encontram no grupo dos 6 aos 10 anos, 22,2% dos idosos estão internados entre 11 a 15 anos, e nenhum idoso se encontra internado há mais de 15 anos.

O ingresso em residências para idosos tem sido descrito por vários autores como sendo “um misto de voluntário e compulsivo” e por isso lhes perguntámos “se pudesse residir noutra local qual a sua preferência?”.

As respostas que obtivemos, expressas na Quadro 11, puderam ser divididas em 4 grandes grupos, nomeadamente: ‘outra região’, não mudaria e permanecia no ‘Lar’, em sua ‘Casa’ e ‘com a Família’. Dos resultados obtidos pudemos observar que a percentagem de idosos que preferiam voltar as suas casas e aqueles que permaneciam no Lar onde actualmente residem é similar (45,9% e 45,0% respectivamente). Dos restantes inquiridos, 5,4% preferia viver noutra região e apenas 3,6% escolheria viver com familiares.

Comparando as respostas por sexo, notámos que as preferências femininas estão mais ligadas à casa (50,0%), enquanto os homens preferem manter-se no lar (48,1%) possivelmente onde o convívio e o lazer se desenvolvem mais intensamente.

**Quadro 11***Aspectos Referidos Pelos Idosos Relacionados Com o Internamento*

INTERNAME- TO	SEXO		FEMININO		AMOSTRA TOTAL	
	MASCULINO		N	%	N	%
	N	%	N	%	N	%
<b>MOTIVOS</b>						
Dific. em Cuidar de Si	4	14,8	23	27,4	27	24,3
Falta de Recursos	2	7,4	5	6,0	7	6,3
Falta de Apoio Familiar	12	44,4	26	31,0	38	34,2
Prefere Viver no Lar	6	22,2	19	22,6	25	22,5
Dific. Nos Cuidados de Saúde	3	11,1	11	13,1	14	12,6
<b>INICIATIVA</b>						
Própria	17	63,0	58	69,0	75	67,6
Família	5	18,5	25	29,8	30	27,0
Outros	5	18,5	1	1,2	6	5,4
<b>TEMPO DE INTERN. (ANOS)</b>						
1 – 5	19	70,4	50	59,5	69	62,2
6 – 10	2	7,4	17	20,2	19	17,1
11 – 15	6	22,2	9	10,7	15	13,5
> 15	0	0,0	8	9,5	8	7,2
<b>PREFERÊNCIA/RESIDÊNCIA</b>						
Outra Região	3	11,1	3	3,6	6	5,4
Lar	13	48,1	37	44,0	50	45,0
Casa	9	33,3	42	50,0	51	45,9
Com Família	2	7,4	2	2,4	4	3,6
<b>TOTAL</b>	<b>27</b>	<b>100,0</b>	<b>84</b>	<b>100,0</b>	<b>111</b>	<b>100,0</b>

*2.2.2. Vivências no Lar*

Com o objectivo de conhecer a percepção dos idosos sobre as suas vivências no lar colocámos-lhes algumas questões (cf. Quadro 12): deste modo e interrogados sobre se “considera que no lar se preocupam verdadeiramente consigo” 43,2% (48) dos idosos responde bastante, 36,9% (41) acha mesmo que se preocupam muito e os restantes (22) expressam opiniões menos positivas. Analisando as opiniões por género verifica-se que as

idosas utilizaram todos os itens da escala, enquanto os idosos se cingiram aos três mais positivos.

As relações que mantêm com os outros residentes são percebidas, pela maioria dos idosos, como ‘boas’ (74,8%), enquanto que 12,6% afirma serem ‘nem boas nem más’ e 10,8% refere serem ‘muito boas’. Apenas 1,8% dos idosos consideraram que a relação com os restantes residentes era ‘má’.

A relação que os idosos estabelecem com os funcionários do lar foi avaliada de forma bastante mais positiva com 64,9% dos idosos a considerarem-na ‘boa’ e 28,8% ‘muito boa’.

Relativamente à privacidade, a maioria dos idosos considerou-a ‘boa’ (47,7%) ou ‘muito boa’ (28,8%), 16,2% entende ser ‘nem boa nem má’, 2,7% ‘má’ e 4,5% ‘muito má’. A avaliação mais positiva da privacidade é realçada essencialmente pelos elementos do sexo feminino.

As opiniões expressas sobre a alimentação são, de um modo geral e pela maioria, avaliadas positivamente, sendo esta ‘boa’ para 38,7%, ‘nem boa nem má’ para 33,3% e ‘muito boa’ para 24,3% dos idosos. É no grupo feminino que se notam as maiores críticas, com as escolhas mais negativas a virem na totalidade do grupo das idosas.

O “isolamento do meio exterior” tem sido uma questão de carácter negativo apontada em vários estudos ao referirem-se aos idosos institucionalizados: para validar este pressuposto quisemos conhecer a frequência com que estes saem do lar. As opiniões transmitidas mostram que 27,9% dos inquiridos o faz semanalmente, 21,6% diariamente, 18,0% mensalmente e os restantes (32,4%) distribuem-se por períodos mais longos, o que de algum modo confirma o isolamento anteriormente referido, sendo relevante o valor dos que o fazem por períodos superiores ou iguais a um ano (13,5%).

Analisando esta variável em função do género observam-se algumas diferenças, uma vez que são as mulheres a permanecer no lar por períodos mais longos e portanto aquelas, que saem com menor frequência.

**Quadro 12**

*Percepção dos Idosos Sobre as Vivências no Lar*

VIVÊNCIAS NO LAR	SEXO		MASCULINO		FEMININO		TOTAL	
	N	%	N	%	N	%	N	%
<b>PREOCUPAÇÃO</b>								
Muito Pouco	0	0,0	3	3,6	3	2,7	3	2,7
Pouco	0	0,0	4	4,8	4	3,6	4	3,6
Às vezes	5	18,5	10	11,9	15	13,5	15	13,5
Bastante	14	51,9	34	40,5	48	43,2	48	43,2
Muito	8	29,6	33	39,3	41	36,9	41	36,9
<b>RELAÇÃO COM RESIDENTES</b>								
Muito má	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0
Má	0	0,0	2	2,4	2	1,8	2	1,8
Nem boa nem má	4	14,8	10	11,9	14	12,6	14	12,6
Boa	21	77,8	62	73,8	83	74,8	83	74,8
Muito boa	2	7,4	10	11,9	12	10,8	12	10,8
<b>RELAÇÃO COM FUNCIONÁRIOS</b>								
Muito má	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0
Má	1	3,7	1	1,2	2	1,8	2	1,8
Nem boa nem má	2	7,4	3	3,6	5	4,5	5	4,5
Boa	15	55,6	57	67,9	72	64,9	72	64,9
Muito boa	9	33,3	23	27,4	32	28,8	32	28,8
<b>PRIVACIDADE</b>								
Muito má	2	7,4	3	3,6	5	4,5	5	4,5
Má	1	3,7	2	2,4	3	2,7	3	2,7
Nem boa nem má	4	14,8	14	16,7	18	16,2	18	16,2
Boa	12	44,4	41	48,8	53	47,7	53	47,7
Muito boa	8	29,6	24	28,6	32	28,8	32	28,8
<b>ALIMENTAÇÃO</b>								
Muito má	0	0,0	1	1,2	1	0,9	1	0,9
Má	0	0,0	3	3,6	3	2,7	3	2,7
Nem boa nem má	10	37,0	27	32,1	37	33,3	37	33,3
Boa	10	37,0	33	39,3	43	38,7	43	38,7
Muito boa	7	25,9	20	23,8	27	24,3	27	24,3
<b>FREQUÊNCIA DAS SAÍDAS</b>								
Anualmente	2	7,4	13	15,5	15	13,5	15	13,5
Semestralmente	1	3,7	10	11,9	11	9,9	11	9,9
Trimestralmente	2	7,4	8	9,5	10	9,0	10	9,0
Mensalmente	5	18,5	15	17,9	20	18,0	20	18,0
Semanalmente	8	29,6	23	27,4	31	27,9	31	27,9
Diariamente	9	33,3	15	17,9	24	21,6	24	21,6
<b>TOTAL</b>	<b>27</b>	<b>100,0</b>	<b>84</b>	<b>100,0</b>	<b>111</b>	<b>100,0</b>	<b>111</b>	<b>100,0</b>



### 2.2.3. Aspectos do Lar Que Mais Desagradam aos Idosos

A institucionalização exige ao idoso, o abandono do seu espaço conhecido e vivido, obrigando-os a uma adaptação a um novo ambiente, o que nem sempre acontece de uma forma pacífica. Este pressuposto teórico induziu-nos ao conhecimento dos aspectos mais significativos do seu desagrado. Pudemos verificar que a maioria dos idosos não tinha nada a apontar (55,9%). Os principais desagradados prendem-se com as condições de habitabilidade (20,7%), seguindo-se as relações com os residentes (8,1%), a solidão (6,3%), as relações com os funcionários (4,5%), as suas próprias limitações físicas (2,7%) e por fim as actividades ao dispor dos idosos (1,8%).

A maioria das dificuldades manifestadas pelos idosos internados, como observámos (cf. Quadro 13), enquadram-se no domínio pessoal e afectivo (falta de familiares, amigos, objectos pessoais e privacidade).

#### Quadro 13

##### *Aspectos do Lar Que Mais Desagradam aos Idosos*

ASPECTOS QUE DESAGRADAM	N	%
Nada	62	55,9
Condições de Habitabilidade	23	20,7
Relações com Residentes	9	8,1
Solidão	7	6,3
Relações com Funcionários	5	4,5
Limitações Físicas	3	2,7
Actividades	2	1,8
<b>TOTAL</b>	<b>111</b>	<b>100,0</b>

### 3. CARACTERIZAÇÃO BIOPSISSOCIAL DOS IDOSOS

Após a caracterização sócio-demográfica da nossa amostra e de conhecer as condições situacionais específicas de cada subgrupo (DOM e INST) passaremos à caracterização biopsicossocial da mesma. Nesse sentido analisaremos vários aspectos multifactoriais, nomeadamente o nível de dependência/autonomia nas actividades de vida diária (AVD), avaliada através do Índice de Katz, a percepção de apoio social, avaliada

através da Escala de Apoio Social de Matos e Ferreira (1996) e a qualidade das relações familiares, avaliada através de uma escala de Apgar Familiar.

### 3.1. (In)dependência nas Actividades de Vida Diária (Índice de Katz)

Tal como descrevemos anteriormente o Índice de Katz permite uma avaliação do grau de autonomia/dependência dos idosos em relação ao desempenho de actividades básicas de vida diária (AVD), determinando três níveis de (in)dependência, nomeadamente dependência importante, dependência parcial e independência.

Os valores encontrados na nossa amostra oscilam entre um mínimo de 0 e um máximo de 6 pontos, a média tem o valor de 4,58 com um desvio padrão de 1,779. Ao compararmos os dois grupos verificamos que os idosos do grupo DOM têm valores médios superiores ( $\bar{x} = 4,93$ ;  $Dp = 1,648$ ) aos idosos do grupo INST ( $\bar{x} = 4,18$ ;  $Dp = 1,845$ ), sendo esta diferença altamente significativa ( $t = - 3,307$ ;  $p = 0,001$ ) revelando uma maior independência nas AVD como seria de esperar (cf. Quadro 14).

#### Quadro 14

*Níveis de Significância Entre o Grupo INST e o Grupo DOM Quanto ao Nível de (In)dependência nas AVD*

GRUPO	MÉDIA	Dp	t	p
INST	4,18	1,845	- 3,307	0,001
DOM	4,93	1,648		

Se analisarmos as frequências relativas, esta diferença é ainda mais notória (cf. Quadro 15). Assim, 70,1% dos idosos a residir no domicílio são independentes nas AVD contra apenas 54,1% dos idosos a residir no lar e, apenas 9,4% dos idosos residentes no domicílio têm um nível de dependência importante contra 22,5% dos que residem no lar.

Ao analisarmos a distribuição dos idosos pelos três níveis de (in)dependência, verificamos que a grande maioria é independente na realização das AVD(62,6%). Do grupo considerado dependente, 21,8% tem uma dependência parcial e 15,5% uma dependência importante nestas actividades.

**Quadro 15***Níveis de (In)dependência nas AVD Encontrados nos Idosos*

NÍVEIS \ GRUPOS	DOMICÍLIO		INSTITUIÇÃO		AMOSTRA TOTAL	
	N	%	N	%	N	%
<b>Independência</b>	89	70,1	60	54,1	149	62,6
<b>Dependência parcial</b>	26	20,5	26	23,4	52	21,8
<b>Dependência importante</b>	12	9,4	25	22,5	37	15,5
<b>TOTAL</b>	<b>127</b>	<b>100,0</b>	<b>111</b>	<b>100,0</b>	<b>238</b>	<b>100,0</b>

**3.2. Percepção do Apoio Social**

Nos estudos recentes sobre a QDV dos idosos tem sido dado um enfoque especial ao apoio social percebido, o que nos levou à aplicação da Escala de Apoio Social de Matos e Ferreira (1996). A escala, além de permitir obter um resultado total de apoio social, divide-se em três dimensões de apoio informacional, emocional e instrumental cujos resultados passaremos a analisar (cf. Quadro 21).

Considerando os valores da amostra total verificamos que variam entre um valor mínimo de 24 e um valor máximo de 76, sendo a média de 55,92 e o desvio padrão de 11,659. Sendo o apoio social percebido pelos idosos residentes em casa ligeiramente superior ( $\bar{x}$  = 56,45; Dp = 13,151) ao que é percebido pelos idosos residentes na instituição ( $\bar{x}$  = 55,31; Dp = 9,698), valores estes não significativos ( $t$  = - 0,769;  $p$  = 0,443) (cf. Quadro 16).

**Quadro 16***Níveis de Significância Entre o Grupo INST e o Grupo DOM Quanto ao Apoio Social*

GRUPO	MÉDIA	Dp	t	p
INST	55,31	9,698	- 0,769	0,443
DOM	56,45	13,151		

Ao compararmos o grupo do sexo feminino com o grupo do sexo masculino, verificamos que as mulheres sentem um maior apoio social ( $\bar{x}$  = 56,01; Dp = 12,026) do

que os homens ( $\bar{x} = 55,71$ ;  $Dp = 10,924$ ), embora estes valores não sejam significativos ( $t = -0,191$ ;  $p = 0,849$ ) (cf. Quadro 17).

#### Quadro 17

*Níveis de Significância Entre Homens e Mulheres Quanto ao Apoio Social*

SEXO	MÉDIA	DP	t	p
Masculino	55,71	10,924	-0,191	0,849
Feminino	56,01	12,026		

Ao analisarmos as três dimensões apuramos que na dimensão Apoio Informacional os idosos inquiridos apresentam pontuações entre 6 (min.) e 30 (max.), sendo que no grupo INST estes valores situam-se num mínimo de 11 e num máximo de 30. A média e desvio padrão do total da amostra ( $\bar{x} = 21,12$ ;  $Dp = 5,403$ ) são similares às médias e desvios padrões apresentados pelo grupo DOM ( $\bar{x} = 21,06$ ;  $Dp = 6,155$ ) e pelo grupo INST ( $\bar{x} = 21,19$ ;  $Dp = 4,416$ ) não sendo pois esta diferença significativa ( $t = 0,183$ ;  $p = 0,855$ ) (cf. Quadro 18).

#### Quadro 18

*Níveis de Significância Entre o Grupo INST e o Grupo DOM Quanto à Dimensão de Apoio Informacional*

GRUPO	MÉDIA	DP	t	p
INST	21,19	4,416	0,183	0,855
DOM	21,06	6,155		

Na dimensão Apoio Emocional a pontuação variou entre um mínimo de 5 e um máximo de 24, mantendo-se este valor para o grupo INST e um mínimo de 6 e um máximo de 22 para o Grupo DOM. As médias e desvios padrão observadas nos dois grupos não variam significativamente ( $t = -0,018$ ;  $p = 0,986$ ) (cf. Quadro 19). Sendo assim no total da população temos uma média de 16,06 e um desvio padrão de 3,875; no grupo INST 16,05 e 4,096; e no grupo DOM 16,06 e 3,688.

#### Quadro 19

*Níveis de Significância Entre o Grupo INST e o Grupo DOM Quanto à Dimensão de Apoio Emocional*

GRUPO	MÉDIA	DP	t	p
INST	16,05	4,096	-0,018	0,986
DOM	16,06	3,688		

Na terceira dimensão, Apoio Instrumental, o padrão mantém-se com os valores a oscilarem entre um mínimo de 5 e um máximo de 25 nos três grupos. Analisando os valores médios, voltamos a verificar que não existem discrepâncias significativas ( $t = -1,862$ ;  $p = 0,064$ ), uma vez que o grupo DOM apresenta  $\bar{x} = 19,3228$  e  $Dp = 5,33762$ , o grupo INST  $\bar{x} = 18,0631$  e  $Dp = 5,08881$  e, na amostra total  $\bar{x} = 18,7353$  e  $Dp = 5,25000$  (cf. Quadro 20).

**Quadro 20**

*Níveis de Significância Entre o Grupo INST e o Grupo DOM Quanto à Dimensão de Apoio Instrumental*

GRUPO	MÉDIA	Dp	t	p
INST	18,06	5,089	-1,862	0,064
DOM	19,32	5,338		

**Quadro 21**

*Resultados da Aplicação da Escala de Apoio Social*

GRUPOS	N	MIN	MAX	MÉDIA	DP
<b>DOM</b>					
Apoio Informacional	127	6	30	21,06	6,155
Apoio Emocional	127	6	22	16,06	3,688
Apoio Instrumental	127	5	25	19,32	5,338
<b>Apoio Total</b>	<b>127</b>	<b>24</b>	<b>76</b>	<b>56,45</b>	<b>13,151</b>
<b>INST</b>					
Apoio Informacional	111	11	30	21,19	4,416
Apoio Emocional	111	5	24	16,05	4,096
Apoio Instrumental	111	5	25	18,06	5,089
<b>Apoio Total</b>	<b>111</b>	<b>28</b>	<b>73</b>	<b>55,31</b>	<b>9,698</b>
<b>AMOSTRA TOTAL</b>					
Apoio Informacional	238	6	30	21,12	5,403
Apoio Emocional	238	5	24	16,06	3,875
Apoio Instrumental	238	5	25	18,74	5,250
<b>Apoio Total</b>	<b>238</b>	<b>24</b>	<b>76</b>	<b>55,92</b>	<b>11,659</b>

### 3.3. Funcionalidade Familiar

A qualidade das relações familiares influencia a QDV dos idosos, por isso aplicámos uma escala de Apgar familiar, cujo objectivo é avaliar a funcionalidade familiar percebida.

Os valores encontrados na nossa amostra total oscilam entre 0 (Min) e 10 (Max), com uma  $\bar{x} = 7,29$  e  $Dp = 2,808$ . Nos dois grupos em análise os valores não variam significativamente ( $t = -0,355$ ;  $p = 0,723$ ), sendo os valores da média e desvio padrão similares tanto no grupo DOM ( $\bar{x} = 7,35$  e  $Dp=2,767$ ) como no grupo INST ( $\bar{x}=7,22$  e  $Dp=2,865$ ) (cf. Quadro 22).

#### Quadro 22

*Níveis de Significância Entre o Grupo INST e o Grupo DOM Quanto ao Apgar Familiar*

GRUPO	MÉDIA	DP	t	p
INST	7,22	2,865	- 0,355	0,723
DOM	7,35	2,767		

Ao compararmos o grupo do sexo feminino com o grupo do sexo masculino, verificamos que as mulheres apresentam valores mais elevados de funcionalidade familiar ( $\bar{x} = 7,32$ ;  $Dp = 2,765$ ) do que os homens ( $\bar{x} = 7,21$ ;  $Dp = 2,912$ ), embora estes não sejam significativos ( $t = -0,290$ ;  $p = 0,772$ ) (cf. Quadro 23).

#### Quadro 23

*Níveis de Significância Entre o Sexo Masculino e o Sexo Feminino Quanto ao Apgar Familiar*

SEXO	MÉDIA	DP	t	p
Masculino	7,21	2,912	- 0,290	0,772
Feminino	7,32	2,765		

Centrando a nossa atenção na distribuição dos idosos pelos três níveis funcionais do Apgar familiar verificamos, (cf. Quadro 24) que as percentagens mais elevadas quer nos subgrupos, quer na amostra total, estão associadas a famílias altamente funcionais, seguindo-se as disfunções acentuadas e por fim aquelas que acham ter moderadas disfunções. A comparação por grupos mostra que se registam níveis mais elevados quer de disfuncionalidade familiar quer de Famílias altamente funcionais nos idosos residentes em instituições.

**Quadro 24***Distribuição dos Idosos Pelos Níveis de Funcionalidade Familiar*

GRUPOS FUNC. FAMILIAR	DOMICÍLIO		INSTITUIÇÃO		AMOSTRA TOTAL	
	N	%	N	%	N	%
<b>Disfunção acentuada</b>	14	11,0	15	13,5	29	12,2
<b>Moderada disfunção</b>	27	21,3	19	17,1	46	19,3
<b>Altamente funcional</b>	86	67,7	77	69,4	163	68,5
<b>TOTAL</b>	<b>127</b>	<b>100,0</b>	<b>111</b>	<b>100,0</b>	<b>238</b>	<b>100,0</b>

Na sua tese Martins (2004b), verifica uma correlação entre o número de visitas de familiares e a qualidade das suas relações. No nosso estudo verificámos pelas respostas (cf. Quadro 25) que para 33,2% dos inquiridos, estas são semanais, diárias em 32,8% e mensais para 11,3% dos idosos. O grupo seguinte mais significativo é aquele que diz ser visitado anualmente, com uma representatividade de 9,7, havendo ainda uma percentagem de 0,8% de idosos (N=2) que não recebe visitas de familiares, nestes casos por não os possuírem.

As visitas dos familiares entre os dois grupos, apresentam algumas diferenças que consideramos importante salientar. Assim, verificamos que 44,1% dos idosos residentes no domicílio são visitados diariamente pelos seus familiares, contra 19,8% dos idosos institucionalizados e, 41,4% dos idosos institucionalizados são visitados semanalmente, contra 26,0% dos idosos que vivem no seu domicílio.

**Quadro 25***Frequência Com Que a Família Visita os Idosos*

FREQUÊNCIA \ GRUPOS	DOMICÍLIO		INSTITUIÇÃO		AMOSTRA TOTAL	
	N	%	N	%	N	%
Diariamente	56	44,1	22	19,8	78	32,8
Semanalmente	33	26,0	46	41,4	79	33,2
Quinzenalmente	3	2,4	6	5,4	9	3,8
Mensalmente	16	12,6	11	9,9	27	11,3
Trimestralmente	2	1,6	8	7,2	10	4,2
Semestralmente	2	1,6	8	7,2	10	4,2
Anualmente	13	10,2	10	9,0	23	9,7
Nunca	2	1,6	0	0	2	0,8
<b>TOTAL</b>	<b>127</b>	<b>100,0</b>	<b>111</b>	<b>100,0</b>	<b>238</b>	<b>100,0</b>

**3.4. Estudo da Qualidade de Vida dos Idosos**

Os resultados obtidos pela aplicação da escala de avaliação da Qualidade de Vida proposta pela Direção Geral de Saúde serão analisados em duas fases: na primeira observaremos a distribuição dos idosos pelas várias componentes da escala (cf. Quadro 26) e numa segunda analisaremos a classificação da QDV dos idosos de acordo com os valores globais da mesma.

Assim considerando a componente *Isolamento/Comunicação Afetiva e Social* verificamos que, na amostra total, quase metade dos idosos (45,4%) mantém uma comunicação centrada na envolvente habitacional, 34,9% uma comunicação centrada no domicílio e 19,7% alarga a sua comunicação ao mundo exterior. Nenhum dos idosos referiu não ter comunicação, talvez uma consequência da maior facilidade de acesso aos meios de comunicação, reflexo do nosso tempo.

Ao compararmos os dois grupos em estudo verificamos que os idosos institucionalizados centram a sua comunicação no domicílio e envolvente habitacional (46,8% para cada uma das situações), sendo a sua comunicação com o mundo exterior muito mais restrita (6,3%), enquanto que no grupo DOM, há uma maior dispersão, com 24,4% a manter a comunicação no domicílio e 31,5% com o mundo exterior.



Relativamente à componente *Mobilidade*, 53,8% dos nossos idosos desloca-se sem ajuda, 29,4% necessita de ajudas técnicas, 15,5% fá-lo com ajuda de outros e 1,3% não possui mobilidade. Este padrão é similar no grupo DOM, sendo de realçar que os idosos sem mobilidade pertencem a este grupo, o que reflecte a metodologia de amostragem utilizada. No grupo INST podemos observar que a percentagem de idosos com total mobilidade é menor (47,7%), havendo, como seria de esperar, uma maior representatividade de idosos a necessitar de ajudas de outros para se mover (21,6%).

As *Actividades de Vida Diária* são desenvolvidas autonomamente por 44,1% dos idosos em estudo, 29,4% precisa de ajudas técnicas, 24,4% de ajudas de outros e 2,1% não consegue realizar este tipo de actividades. Neste domínio, voltamos a verificar que é no grupo DOM que a maioria dos idosos não necessita de ajuda (51,2%) ou necessita de ajudas técnicas (30,7%), sendo a percentagem daqueles que necessitam da ajuda de outros de 14,2%. Mais uma vez verificamos que os idosos incapazes de realizar actividades de vida diária se situam neste grupo. No grupo INST a percentagem de idosos que não necessita de ajuda é igual àqueles que precisam de outros para a realização de AVD (36,0%), sendo que 27,9% utiliza ajudas técnicas.

Como esperávamos a maioria dos nossos idosos (65,5%) não mantém *Actividade Ocupacional*, no entanto verificamos que ainda assim, 21,0% mantém uma actividade regular e 13,4% uma actividade esporádica. Comparando os grupos, no grupo INST 89,2% dos idosos não tem actividade, enquanto no grupo DOM temos apenas 44,9% de idosos sem actividade e 33,9% com actividade ocupacional regular. Mais de 90% dos idosos com actividade ocupacional não são remunerados.

As *actividades lúdicas* são realizadas com regularidade por 36,1% dos nossos idosos, sendo que para 37,0% estas actividades dão resposta às suas necessidades. Ainda assim 26,9% dos idosos inquiridos afirma não realizar qualquer tipo de actividade de tempo livres. Como seria de esperar, tendo em conta o tipo de ofertas das instituições que acolhem idosos, as actividades culturais e/ou recreativas são mais desenvolvidos pelo grupo institucionalizado. Assim, apenas 19,8% dos idosos institucionalizados afirmam não ter actividades lúdicas, contra 33,1% dos idosos do grupo DOM.

A *relação familiar* avaliada mostra que a maioria dos idosos considera a existência de uma participação familiar regular (63,0%), seguindo-se 19,7% de idosos que se encontram integrados de forma funcional na sua família alargada e, por fim, 17,2% de idosos que avaliam não ter qualquer relação familiar.

Mais uma vez, como seria de esperar, no grupo INST a maioria dos idosos avalia a sua relação com os familiares como sendo do tipo participativa (78,4%). No grupo DOM os valores estão mais distribuídos com 49,6% dos idosos a considerarem a participação activa dos seus familiares e 34,6% com integração familiar funcional. Também como seria de esperar, são os idosos institucionalizados quem em maior numero não tem relação com familiares (18,9% contra 15,7% dos idosos do grupo DOM).

Os *recursos económicos* expressos pelos nossos inquiridos, mostram que de facto muitos dos idosos vivem no limiar da pobreza, na medida em que 27,3% acha que o quantitativo monetário mensal de que dispõe é insuficiente e por isso não satisfaz as suas necessidades básicas. A maioria (55,5%) classifica a sua situação económica como suficiente e apenas 17,2%, assume ter uma situação económica para além das suas necessidades básicas. Analisando as diferenças existentes entre os dois grupos, embora em ambos os idosos considerem ter recursos económicos suficientes para as suas necessidades básicas, com um predomínio do grupo DOM (60,6% no grupo DOM e 49,5% no grupo INST), encontramos maiores diferenças quando avaliamos os recursos económicos para além das necessidades básicas. No grupo DOM apenas 9,4% dos idosos avaliou desta forma os seus recursos económicos, contra 26,1% dos idosos institucionalizados.

**Quadro 26**

*Distribuição dos Idosos Pelas Dimensões da Escala de QDV*

COMPONENTES	DOMICÍLIO		INSTITUIÇÃO		AMOSTRA TOTAL	
	N	%	N	%	N	%
<b>ISOLAMENTO/COMUNICAÇÃO A. S.</b>						
Sem comunicação	0	0,0	0	0,0	0	0,0
Com. domicílio	31	24,4	52	46,8	83	34,9
Com. envolvente habitacional	56	44,1	52	46,8	108	45,4
Com. mundo exterior	40	31,5	7	6,3	47	19,7
<b>MOBILIDADE</b>						
Sem mobilidade	3	2,4	0	0,0	3	1,3
Mob. com ajuda outros	13	10,2	24	21,6	37	15,5
Mob. com ajuda técnica	36	28,3	34	30,6	70	29,4
Mob. sem ajuda	75	59,1	53	47,7	128	53,8
<b>ACTIVIDADES VIDA DIÁRIA</b>						
Sem actividades	5	3,9	0	0,0	5	2,1
Acti. com ajuda outros	18	14,2	40	36,0	58	24,4
Acti. com ajudas técnicas	39	30,7	31	27,9	70	29,4
Act. sem ajuda	65	51,2	40	36,0	105	44,1
<b>ACTIVIDADE OCUPACIONAL</b>						
Sem actividade	57	44,9	99	89,2	156	65,5
Actividade esporádica	27	21,3	5	4,5	32	13,4
Actividade regular	43	33,9	7	6,3	50	21,0
<b>REMUNERAÇÃO</b>						
Act. Não Remunerada	119	93,7	109	98,2	228	95,8
Act. Remunerada	8	6,3	2	1,8	10	4,2
<b>ACTIVIDADE LÚDICA</b>						
Sem actividade	42	33,1	22	19,8	64	26,9
Com participação familiar	53	41,7	33	29,7	86	36,1
Com act. que dê resp. anseios	32	25,2	56	50,5	88	37,0
<b>RELAÇÃO FAMILIAR</b>						
Sem relação familiar	20	15,7	21	18,9	41	17,2
Com participação familiar	63	49,6	87	78,4	150	63,0
Com integração familiar funcional	44	34,6	3	2,7	47	19,7
<b>RECURSOS ECONÓMICOS</b>						
Insuficientes	38	29,9	27	24,3	65	27,3
Suficientes p/ necessidades básicas	77	60,6	55	49,5	132	55,5
Para além das necessidades básicas	12	9,4	29	26,1	41	17,2
<b>TOTAL</b>	<b>127</b>	<b>100,0</b>	<b>111</b>	<b>100,0</b>	<b>238</b>	<b>100,0</b>

Os valores resultantes da aplicação da escala oscilam entre 7 (Min) e 49 (Max) com uma média de 29,80, um desvio padrão de 8,424 e um coeficiente de variação 28,27%, o que significa uma dispersão forte (cf. Quadro 27).

#### Quadro 27

*Resultados da Aplicação da Escala de QDV aos Idosos*

LOCAL	N	MIN	MAX	MÉDIA	DP	C.V.
DOM	127	7	49	31,60	8,608	27,24%
INST	111	9	49	27,75	7,749	27,92%
AMOSTRA TOTAL	238	7	49	29,80	8,424	28,27%

Os idosos residentes no seu domicílio são os que apresentam médias (31,60) superiores de QDV, sendo a diferença entre os grupos altamente significativa ( $t = -3,606$ ;  $p = 0,000$ ) (cf. Quadro 28).

#### Quadro 28

*Níveis de Significância Entre o Grupo INST e o Grupo DOM Quanto à QDV*

GRUPO	MÉDIA	DP	t	p
INST	27,75	7,749	- 3,606	0,000
DOM	31,60	8,608		

Assim, considerando os critérios de classificação da escala (cf. Quadro 30), constatamos que a maioria dos idosos da nossa amostra (79,4%) apresenta valores compatíveis com qualidade de vida (valores iguais ou superiores a 23 pontos), o que nos parece muito significativo, pois somente 20,6% integra o item “sem qualidade de vida” (valores inferiores a 23 pontos).

Ao compararmos os dois grupos, verificamos que a maior percentagem de idosos com QV (87,4%) integra o grupo DOM, ao passo que no grupo INST são 70,3%.

Se compararmos os resultados tendo por base o género verificamos que são os homens, aqueles que apresentam melhor qualidade de vida, no entanto essa diferença não é significativa ( $t = 1,532$ ;  $p = 0,127$ ) (cf. Quadro 29).

**Quadro 29**

*Níveis de Significância Entre o Sexo Masculino e o Sexo Feminino Quanto à QDV*

SEXO	MÉDIA	DP	t	p
Masculino	30,99	8,102	1,532	0,127
Feminino	29,24	8,541		

Na amostra total temos 84,4% dos idosos e apenas 77,0% das idosas com qualidade de vida. No grupo DOM 90,0% dos idosos e 85,7% das idosas possuem qualidade de vida e, no grupo INST 74,1% dos idosos e 69,0% das idosas têm qualidade de vida.

**Quadro 30**

*Qualidade de Vida dos Idosos Por Grupos e Género*

GRUPOS	NÍVEIS	SEM QUALIDADE		COM QUALIDADE		AMOSTRA TOTAL	
		N	%	N	%	N	%
<b>DOM</b>							
	Feminino	11	14,3	66	85,7	77	60,63
	Masculino	5	10,0	45	90,0	50	39,37
	Sub Total	16	12,6	111	87,4	127	100,0
<b>INST</b>							
	Feminino	26	31,0	58	69,0	84	75,68
	Masculino	7	25,9	20	74,1	27	24,32
	Sub Total	33	29,7	78	70,3	111	100,0
<b>AMOSTRA TOTAL</b>		49	20,6	189	79,4	238	100,0
	Feminino	37	23,0	124	77,0	161	67,65
	Masculino	12	15,6	65	84,4	77	32,35
<b>TOTAL</b>		<b>49</b>	<b>20,6</b>	<b>189</b>	<b>79,4</b>	<b>238</b>	<b>100,0</b>

**4. ESTUDO DA QDV DOS IDOSOS EM FUNÇÃO DAS VARIÁVEIS SÓCIO-DEMOGRÁFICAS**

Passamos agora a uma segunda fase cujo objectivo é avaliar a relação entre a QDV dos idosos e as variáveis sócio demográficas.

Os resultados contidos no Quadro 35 permitem-nos concluir relativamente aos idosos da nossa amostra o seguinte: Relativamente à *idade* os valores médios de QDV diminuem à medida que esta aumenta (de 30,22 na 3ª idade para 28,63 na 4ª idade). Quando analisamos esta tendência nos subgrupos, notamos que apenas se repete no grupo DOM (31,93 na 3ª

idade para 25,86 na 4ª idade), o mesmo não se verificando no grupo INST, onde passa de 26,54 na 3ª idade para 29,98 na 4ª idade. No entanto as diferenças encontradas entre a 3ª e 4ª idade não são significativas ( $t = 1,300$ ;  $p = 0,196$ ) (cf. Quadro 31).

### Quadro 31

*Níveis de Significância Entre a 3ª e 4ª Idades Quanto à QDV*

IDADE	MÉDIA	Dp	t	p
3ª idade	30,22	8,490	1,300	0,196
4ª idade	28,63	8,189		

Ao considerarmos o *estado civil* verificamos que a qualidade de vida diminui à medida que o número de laços conjugais diminui. Assim, são os casados quem têm maior QDV ( $\bar{x} = 32,91$ ;  $Dp = 0,883$ ), seguidos dos solteiros ( $\bar{x} = 29,13$ ;  $Dp = 1,579$ ) e por último os viúvos ( $\bar{x} = 28,12$ ;  $Dp = 0,725$ ), sendo estas diferenças altamente significativas ( $F = 8,413$ ;  $p = 0,000$ ) (cf. Quadro 32), nomeadamente entre os casados e os viúvos ( $4,786$ ;  $p = 0,000$ ). Esta diferença significativa entre os idosos casados e os viúvos verifica-se apenas no subgrupo INST ( $7,031$ ;  $p = 0,006$ ).

### Quadro 32

*Níveis de Significância Entre Solteiros, Casados e Viúvos Quanto à QDV*

ESTADO CIVIL	MÉDIA	Dp	ANOVA	
			F	p
Solteiros	29,13	1,579	8,413	0,000
Casados	32,91	0,883		
Viúvos	28,12	0,725		

De modo similar os crescentes patamares de escolaridade revelam estar associados a valores de QDV superiores em todos os grupos em estudo. Sendo estas diferenças significativas ( $F = 4,107$ ;  $p = 0,018$ ) (cf. Quadro 33), nomeadamente entre os idosos analfabetos e todos os outros, especificamente a diferença é mais significativa entre os idosos analfabetos e os idosos com escolaridade obrigatória ( $- 2,997$ ;  $p = 0,038$ ) do que entre os idosos analfabetos e os idosos com escolaridade superior ( $- 4,019$ ;  $p = 0,042$ ).

**Quadro 33***Níveis de Significância Entre Níveis de Escolaridade Quanto à QDV*

ESCOLARIDADE	MÉDIA	Dp	ANOVA	
			F	p
Analfabetos	27,59	8,402		
Esc. Obrigatória	30,58	7,499	4,107	0,018
Esc. Superior	31,61	10,469		

Consideramos relevante comparar os dois grupos. Assim tanto no grupo INST ( $F = 6,493$ ;  $p = 0,002$ ) como no grupo DOM ( $F = 3,564$ ;  $p = 0,031$ ) verificamos diferenças na QDV tendo em conta a escolaridade. No entanto, no grupo INST, tal como na amostra total, essa diferença verifica-se entre os idosos analfabetos e os idosos com escolaridade obrigatória ( $- 5,443$ ;  $p = 0,009$ ), bem como para os idosos analfabetos e os idosos com escolaridade superior ( $- 6,917$ ;  $p = 0,003$ ), enquanto que no grupo DOM a diferença apenas se verifica entre os idosos analfabetos e os idosos com escolaridade superior ( $7,919$ ;  $p = 0,039$ ).

Por fim, ao comparar a QDV com a *situação económica*, e como seria de esperar, aquela aumenta com o aumento desta, em todos os grupos em estudo. No entanto, para os idosos que possuem uma situação económica acima dos 500€ mensais, a qualidade de vida diminui em todos os grupos. As diferenças encontradas são altamente significativas ( $F = 6,834$ ;  $p = 0,000$ ) (cf. Quadro 34), nomeadamente entre os idosos que recebem entre 350 e 500€ e os que recebem entre 200 e 350€ ( $6,352$ ;  $p = 0,000$ ) e entre os idosos que recebem entre 350 e 500€ e os que recebem menos de 200€ ( $6,241$ ;  $p = 0,005$ ).

**Quadro 34***Níveis de Significância Entre Níveis de Situação Económica Quanto à QDV*

SITUAÇÃO ECONÓMICA	MÉDIA	Dp	ANOVA	
			F	p
< 200€	28,46	8,810		
De 200 a 350€	28,35	8,027		
De 350 a 500€	34,70	7,684	6,834	0,000
> 500€	31,77	8,192		

Ao analisarmos as diferenças na QDV entre os dois grupos encontramos diferenças interessantes. Mais uma vez verifica-se uma diferença significativa na QDV dos idosos com diferentes rendimentos quer no grupo INST ( $F = 5,236$ ;  $p = 0,002$ ) quer no grupo DOM ( $F = 2,858$ ;  $p = 0,040$ ). No entanto no grupo INST estas diferenças verificam-se entre os idosos que recebem de 200 a 350€ e os que recebem mais de 500€ ( $- 5,337$ ;  $p = 0,017$ ) e de seguida

os que recebem entre 350 e 500€ (- 6,826; p = 0,019). Enquanto que no grupo DOM a diferença é apenas significativa entre os idosos que recebem menos de 200€ e os que recebem entre 350 e 500€ (-6,226; p = 0,038).

**Quadro 35**

*Estatísticas Descritivas da QDV dos Idosos em Função das Variáveis Sócio-Demográficas*

VARIÁVEIS \ GRUPOS	DOM			INST			AMOSTRA TOTAL		
	N	$\bar{x}$	DP	N	$\bar{x}$	DP	N	$\bar{x}$	DP
<b>IDADE</b>									
3ª Idade	120	31,93	8,540	56	26,54	7,163	176	30,22	8,490
4ª Idade	7	25,86	8,295	55	28,98	8,184	62	28,63	8,189
<b>ESTADO CIVIL</b>									
Casados	64	32,77	7,743	13	33,62	8,037	77	32,91	7,746
Solteiros	10	30,70	11,265	21	28,38	7,553	31	29,13	8,793
Viúvos	53	30,36	9,030	77	26,58	7,371	130	28,12	8,267
<b>ESCOLARIDADE</b>									
Analfabetos	51	29,71	8,542	24	23,08	6,114	75	27,59	8,402
Esc. Obrigatória	68	32,31	7,745	57	28,53	6,695	125	30,58	7,499
Esc. Superior	8	37,63	12,883	30	30,00	9,333	38	31,61	10,469
<b>SIT. ECONÓMICA</b>									
<200 €	29	29,41	8,994	10	25,70	8,042	39	28,46	8,810
De 200 a 350€	65	30,82	8,124	66	25,92	7,199	131	28,35	8,027
De 350 a 500€	25	35,64	8,396	12	32,75	5,770	37	34,70	7,684
>500 €	8	33,25	8,844	23	31,26	8,097	31	31,77	8,192
<b>TOTAL</b>	<b>127</b>	<b>31,60</b>	<b>8,608</b>	<b>111</b>	<b>27,75</b>	<b>7,749</b>	<b>238</b>	<b>29,80</b>	<b>8,424</b>

**5. ESTUDO DA QDV DOS IDOSOS EM FUNÇÃO DAS VARIÁVEIS BIOPSISSOCIAIS**

Para avaliar a relação entre QDV dos idosos e as variáveis psicossociais efectuámos correlações de Pearson (cf. Quadro 38).

A correlação entre o índice de independência nas Actividades de Vida Diária, avaliado pelo Índice de Katz, e a Qualidade de Vida dos Idosos é moderada (r = 0,590), sendo



altamente significativa ( $p = 0,000$ ), como podemos observar no Quadro 38, o que seria de esperar uma vez que a definição de nível de independência tem correspondências nos dois testes.

Se analisarmos as diferenças de QDV nos vários grupos de (in)dependência verificamos que a qualidade de vida diminui com o aumento da dependência. Explicitando a QDV é maior no grupo dos idosos independentes ( $\bar{x} = 33,77$ ;  $Dp = 6,477$ ), diminui no grupo de idosos com dependência parcial ( $\bar{x} = 26,48$ ;  $Dp = 6,108$ ) e volta a diminuir nos idosos com dependência importante ( $\bar{x} = 18,51$ ;  $Dp = 5,475$ ). As diferenças são altamente significativas ( $F = 97,527$ ;  $p = 0,000$ ) em todos os cruzamentos possíveis (cf. Quadro 36).

### Quadro 36

*Níveis de Significância Entre Grupos de (In)dependência Quanto à QDV*

GRUPOS DE (IN)DEPENDÊNCIA	MÉDIA	Dp	ANOVA	
			F	p
Independência	33,77	6,477		
Dependência Parcial	26,48	6,108	97,527	0,000
Dependência Importante	18,51	5,475		

Em termos de apoio social total verificamos que existe uma correlação fraca mas altamente significativa com a QDV dos idosos em estudo ( $r = 0,223$ ;  $p = 0,001$ ). No entanto é interessante observar que, na análise dos subgrupos esta correlação apenas ocorre no grupo DOM ( $r = 0,269$ ;  $p = 0,002$ ), não havendo correlação significativa no grupo INST.

Ao analisarmos as subescalas de Apoio Social verificamos, mais uma vez, que em nenhuma existe correlação significativa com a QDV dos idosos do grupo INST. O mesmo não se verifica no grupo DOM onde existe uma correlação fraca mas bastante significativa entre a QDV e o Apoio Informacional ( $r = 0,264$ ;  $p = 0,003$ ) e correlações fracas mas significativas entre QDV e Apoio Emocional ( $r = 0,225$ ;  $p = 0,011$ ) e Apoio Instrumental ( $r = 0,202$ ;  $p = 0,023$ ). É interessante observar que na amostra total estes valores alteram o seu valor de significância, ao sofrer a influência do grupo INST. Sendo assim, e por ordem decrescente de significância, há uma correlação fraca mas altamente significativa entre a QDV dos idosos e o Apoio Instrumental ( $r = 0,201$ ;  $p = 0,002$ ), uma correlação muito fraca mas altamente significativa entre QDV e Apoio Emocional ( $r = 0,173$ ;  $p = 0,007$ ) e, por fim, uma correlação muito fraca e significativa entre QDV e Apoio Informacional ( $r = 0,162$ ;  $p = 0,012$ ).

Por fim, existe uma correlação fraca mas muito significativa entre a QDV dos idosos em estudo e o nível de funcionamento familiar ( $r = 0,283$ ;  $p = 0,000$ ), sendo que, na análise dos subgrupos esta é altamente significativa no grupo DOM ( $r = 0,337$ ;  $p = 0,000$ ) e significativa no grupo INST ( $r = 0,224$ ;  $p = 0,018$ ).

Se analisarmos as diferenças de QDV nos vários grupos de funcionalidade familiar verificamos que a qualidade de vida diminui com o aumento da disfunção. Assim os idosos com melhor QDV classificam as suas relações familiares como altamente funcionais ( $\bar{x} = 31,08$ ;  $Dp = 8,017$ ), seguidos dos que as classificam com moderada disfunção ( $\bar{x} = 28,17$ ;  $Dp = 8,945$ ), e por último, com menor QDV aqueles cujas relações familiares se caracterizam por disfunção acentuada ( $\bar{x} = 25,21$ ;  $Dp = 8,033$ ). As diferenças entre grupos são altamente significativas ( $F = 7,431$ ;  $p = 0,001$ ) (cf. Quadro 37), nomeadamente entre os idosos que apresentam relação altamente funcionais e aqueles que apresentam relações com disfunção acentuada ( $5,873$ ;  $p = 0,001$ ).

Ao analisarmos os subgrupos verificamos que apenas no grupo DOM as diferenças na funcionalidade familiar são significativas ( $F = 7,974$ ;  $p = 0,001$ ), nomeadamente entre os idosos que classificam as relações familiares como altamente funcionais e os restantes, sendo altamente significativa para os idosos com disfunção acentuada ( $8,442$ ;  $p = 0,001$ ) e significativa para os com moderada disfunção ( $4,294$ ;  $p = 0,049$ ).

### Quadro 37

*Níveis de Significância Entre Grupos de Funcionalidade Familiar Quanto à QDV*

GRUPOS DE FUNCIONALIDADE FAMILIAR	MÉDIA	Dp	ANOVA	
			F	p
Altamente funcional	31,08	8,017		
Moderada disfunção	28,17	8,945	7,431	0,001
Disfunção acentuada	25,21	8,033		

**Quadro 38***Correlações de Pearson Entre Variáveis Biopsicossociais e QDV dos Idosos*

VARIÁVEIS \ GRUPOS	DOMICÍLIO		INSTITUIÇÃO		AMOSTRA TOTAL	
	r	p	r	p	r	p
<b>INDEPENDÊNCIA (Katz)</b>	0,590(**)	0,000	0,746(**)	0,000	0,675(**)	0,000
<b>APOIO SOCIAL</b>						
Apoio Informacional	0,264(**)	0,003	0,003	0,973	0,162(*)	0,012
Apoio emocional	0,225(*)	0,011	0,126	0,187	0,173(**)	0,007
Apoio instrumental	0,202(*)	0,023	0,151	0,114	0,201(**)	0,002
<b>Apoio Total</b>	0,269(**)	0,002	0,134	0,161	0,223(**)	0,001
<b>FUNC. FAMILIAR (Apgar)</b>	0,337(**)	0,000	0,224(*)	0,018	0,283(**)	0,000

\*\* Correlation is significant at the 0.01 level (2-tailed).

\* Correlation is significant at the 0.05 level (2-tailed).